

MUSEU DA PESSOA

História

"Vale a pena"

História de: [Flavia](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 00/00/0000

Sinopse

Mesmo sem conhecer a fundo, Flavia se interessava pela área social, e decidiu cursar Administração pensando nas Relações Humanas. Iniciou a carreira trabalhando na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), no Núcleo de Responsabilidade Social. Em sua narrativa, fala sobre seu envolvimento com o Projeto ViraVida, de quando foi inaugurado e se tornou coordenadora. Flavia compartilha os desafios e conquistas, na certeza de que o projeto precisa seguir adiante e virar política pública.

Tags

- [transformação](#)
- [Administração de Empresas](#)
- [responsabilidade social](#)
- [exploração sexual](#)
- [jovens](#)
- [adolescentes](#)
- [vulnerabilidade social](#)
- [reinserção social](#)
- [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial \(SENAI\)](#)
- [Projeto ViraVida](#)
- [Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro \(Firjan\)](#)
- [Serviço Social da Indústria \(SESI\)](#)
- [Serviço Social do Comércio \(SESC\)](#)
- [Fundação Xuxa Meneghel](#)

História completa

Eu nasci no Rio de Janeiro no dia 2 de março de 1977. Minha mãe é advogada e meu pai é economista. Meu pai tem uma empresa, trabalha com gestão financeira e, minha mãe, ela não advoga mais, ela é do lar. Tenho três irmãos por parte de pai. Somos quatro, de quatro mães diferentes.

Quando eu nasci, eu morava em Copacabana e depois quando eu fiz dois, três anos nos mudamos para uma casa em Jacarepaguá, onde eu moro até hoje. Quando eu tinha mais ou menos um sete, oito anos, meus pais se separaram, meu pai foi morar na Barra. E, a relação é ótima, meus pais são superamigos até hoje e o que é bacana nessa história é que nós somos filhos de mães diferentes e, todas as mães se dão também.

Quando eu estava no segundo grau, eu fiz um teste vocacional e, eu lembro que deu essa parte mais administrativa, mais para Recursos Humanos, para trabalhar mais a parte social. Isso foi em 1994, 1995, então não tinha muito essa ideia de responsabilidade social. Mas eu resolvi fazer faculdade de Administração pensando em trabalhar nessa parte de Recursos Humanos. E na faculdade eu puxei algumas matérias eletivas relacionadas ao terceiro setor, à responsabilidade social.

No meu segundo ano de faculdade, eu comecei um estágio no Sistema FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) no IEL

(Instituto Euvaldo Lodi), que é o Instituto Euvaldo Lodi que fica responsável por fazer a integração entre a indústria e a universidade. E no final já estava para me formar, minha monografia foi sobre responsabilidade social e conversando com uma antiga gerente aqui da casa, porque na época eu tinha dificuldade em achar bibliografia sobre esse tema, e o meu orientador ele foi categórico: “Se não achar a bibliografia, não vamos trabalhar. Essa temática você vai ter que mudar”. E conversando com ela, ela falou: “Olha Flávia, eu acabei de encaminhar uma proposta para o Presidente aqui de criar um núcleo de Responsabilidade Social na casa. Então se for aprovado eu te chamo para você vir trabalhar comigo”. Eu me formei em 1999. Em 2000 o núcleo aqui foi criado, em julho de 2000 e, eu vim trabalhar na área social.

Quando eu virei coordenadora do ViraVida, o projeto já existia aqui no estado. Ele surgiu em fevereiro de 2011 e eu peguei a coordenação em final de abril. Mas eu estava presente no lançamento que foi em agosto de 2010, fizemos uma parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, porque eles tinham lançado um documento que era a Declaração Corporativa no Enfrentamento à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e ia se fazer uma mobilização para adesão das empresas aqui do estado. E junto com o lançamento dessa campanha aqui no Rio, o Jair Meneguelli, Presidente do Conselho Nacional, veio marcar aí o lançamento também do ViraVida no estado do Rio de Janeiro. Então esse período de 2010, o segundo semestre de 2010 foi para montar equipes, estruturar a parte do espaço, enfim, contratar profissionais. E em fevereiro foi formada a primeira turma do ViraVida, que foi uma parceria com o Instituto Vida Real do Tião e, com os jovens moradores da comunidade do Complexo da Maré. A turma começou com vinte e um alunos e ela se formou em julho de, dia nove de julho foi o evento que marcou a formatura dos jovens dessa primeira turma. Eles tiveram reforço escolar pelo SESI, toda parte de atendimento médico também pelo SESI (Serviço Social da Indústria), o SESC (Serviço Social do Comércio) ofereceu essas oficinas de cultura e arte, além do atendimento odontológico e, a capacitação profissional foi pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), na área de Panificação e Confeitaria.

Eu adoro trabalhar com projeto social, com pessoas e com jovens. Eu brinco que eu já trabalho com projeto social há bastante tempo, mas o ViraVida, ele é totalmente diferente, pelo público em si, pela proposta de trabalho. Então ele tem uma série de dificuldades e uma série de pontos positivos. Para o meu crescimento profissional, está sendo muito importante essa participação no ViraVida.

O que escutamos dos jovens, do depoimento dos jovens, você tem que ter uma força ali. A equipe técnica, tem dia em que eles chegam aqui pesados, porque é pesado. E eu acho que fica aquela questão de que está próximo da gente: “Ah, não faz parte do meu contexto, não faz parte da minha”. Faz parte, está do seu lado. Então eu acho que é um chamado da sociedade. Eu acho que é um chamamento, a sociedade tem que se mobilizar, não dá mais para achar que é problema do outro, não dá mais para achar que não faz parte da sua realidade e fechar o olho e tornar ainda mais velado do que já é.

É uma realidade muito triste e em um primeiro momento, isso não especificamente agora com o ViraVida, quando eu comecei a trabalhar na área social, eu ficava muito angustiada porque eu falo: “Como é que eu vou trabalhar em uma área que eu nunca vou ter cem por cento de sucesso? O meu trabalho nunca vai ter cem por cento de sucesso”. E isso eu tive que trabalhar também comigo. Porque se você parar para pensar, você não vai resolver os problemas do mundo, nem dos jovens em situação de exploração sexual, nem dos jovens em vulnerabilidade social. Mas se o seu trabalho conseguir pelo menos um, já está valendo a pena.

O ViraVida é superimportante. É um projeto que dá uma formação integral. Tem mais é que continuar. Eu vejo como uma Política Pública Nacional. Não vejo de forma que não seja essa. Tem que virar Política Pública. O governo, o estado, tem que incorporar isso como Política Pública mesmo. No Rio de Janeiro eu espero que a gente consiga entrar em mais comunidades, não focalizar em uma comunidade ou em outra.

A Xuxa, ela é a madrinha da campanha Carinho de Verdade. Ela participou do lançamento do ViraVida aqui em agosto, naquele evento em parceria com a Secretaria e, ela participou da aula inaugural da primeira turma. Ela sempre fala: “Gente, vamos levar também lá para a Zona Oeste, vamos fazer uma turma na Fundação”, ali tem um polo, Pedra de Guaratiba, está se formando um polo gastronômico muito forte. Ela falou: “Vamos capacitar esses alunos na área de Gastronomia”. A Fundação estava passando por uma reestruturação, ela estava acabando de criar uma cozinha industrial, enfim, a parceria foi amadurecendo e levamos para a Fundação Xuxa. A Fundação nunca tinha trabalhado especificamente com esse público, então tivemos que fazer parceria com organizações da Zona Oeste da rede. Começamos mês passado, está bem recente. Mas é bacana, esses alunos, é uma experiência nova, eles não são de uma organização, tem de abrigos, tem de organizações que encaminharam esses jovens, então vai ser um desafio também para nós. É a primeira vez que estamos trabalhando com jovens de abrigos, mas vai ser bacana. É bom porque começamos a nos familiarizar com esse universo todo, não fica restrito a um atendimento na Maré.

Eu não coordeno só o ViraVida, mas grande parte do meu tempo é para o ViraVida. É um projeto que me demanda muito. E a primeira turma foi um grande aprendizado, foi o piloto do piloto. Tem um ponto que chamamos que é o pré ViraVida, os jovens que quando fazemos o processo seletivo avaliamos que tem um nível de drogadição muito alto, tem que fazer um encaminhamento para a rede porque eles não tem condição de acompanhar o projeto. Então se faz toda essa parceria que a gente tem com a rede de proteção, fazemos os encaminhamentos desses jovens para eles poderem participar futuramente. Nessa primeira turma não, nós incluímos esses jovens, então acontecia que eram jovens dormindo na turma, eram jovens que chegavam atrasados, não iam, faltavam muito. Então isso prejudicava até o rendimento deles no projeto.

É gritante como eles chegam e como eles saem. No início da turma, o aluno nem te olhava, ele abaixava o rosto, não conversava. E você vê alunos dando entrevistas, alunos resgatando autoestima. Então você vê esse crescimento, essa oportunidade que eles agarram, então isso é muito bacana e, fora todo o desenvolvimento que acontece ao longo do processo.

A relação do dia a dia é muito transparente para tudo, desde do processo seletivo até o fechamento do projeto. Negociamos tudo com eles, tudo é informado, eu prezo muito essa transparência nesse processo. Porque não criamos expectativas que não vão ser atendidas, gerar expectativas em cima de algo que pode não acontecer.

É uma relação de confiança que é conquistada a cada tempo.

Um dos pontos negativos é desistência. Existem dois tipos de desligamento. Tem um desligamento em que ele não consegue acompanhar o ViraVida e isso faz com que ele não retorne ao projeto e a equipe tenta fazer um encaminhamento, seja para a parte de drogadição, seja por outras questões e tentamos fazer esse encaminhamento e faz o monitoramento dele. E tem o jovem que simplesmente não quer mais vínculo com o projeto, ele não quer mais contato com a equipe, tanto que a gente entra em contato, eles não retornam, não conseguimos falar, buscamos pelos familiares e não conseguimos. Então tem o jovem que a gente ainda consegue fazer o monitoramento, o acompanhamento e, tem o jovem que não tem mais contato conosco, porque não quer. Não quer ter esse vínculo e isso é mais triste ainda, porque não conseguimos nem de que forma nós poderíamos trabalhar com ele. Não só pelo ViraVida, mas tentar por outras e, perde-se o contato.

Há casos de retorno. Existiu assim, de: “Eu vou voltar”, nós marcamos. Vamos marcar, a equipe marcava e ele não aparecia e, voltou. Tem que ser assim, primeiro que ali é uma relação de confiança que é conquistada a cada tempo, eles não nos conhecem, não os conhecemos. Então, são pessoas que não confiam muito nas pessoas, então você começa um trabalho ali de conquista diária e quando você consegue pegar essa confiança, eles vão.

A formatura foi um chororô. Fizemos a formatura junto com um seminário de protagonismo juvenil. Foi muito emocionante ver aqueles alunos que, alguns tinham desistido no meio do processo e estavam lá, outros que já estavam no mercado de trabalho. Então passa um filme na sua cabeça, você vai vendo as historinhas ali, é muito emocionante.

Os primeiros passos fora do ViraVida, fazemos o contato com as empresas, articulação para eles participarem das entrevistas e, é quase que levando um filho para uma entrevista. E passamos as noções, como se comportar, como se posicionar e é muito bacana quando tudo isso dá certo. E o olhinho brilhando, é muito bom participar disso tudo.

[PDF do Depoimento Completo](#)